



As mídias e as tecnologias no processo de produção do conhecimento¹

Patricia Laura KUHN²

Bruna Aparecida Dal Piáz DANELLI³

André da COSTA⁴

Vera Lucia Spacil RADDATZ⁵

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí,RS

Resumo

Este artigo discute a questão das mídias e das tecnologias de informação e comunicação na sua interface com a educação. Fundamenta-se na teoria de educomunicação e discute a temática baseado nos resultados da pesquisa do Projeto Mídia, Tecnologias e Educação: modos de aprender e ensinar, desenvolvido pelo Curso de Comunicação Social da Unijuí. Parte-se do princípio de que as tecnologias permeiam as práticas da vida contemporânea e modificam modos de aprender e ensinar. As crianças e os adolescentes, incorporados à era digital, revelam seus comportamentos, preferências e usos das TICs no processo formal e informal de aprendizagem, indicando que se faz necessário preencher uma lacuna nesse processo. Ao mesmo tempo em que são nativos digitais, não dominam as tecnologias para produzir conhecimento.

Palavras-Chave: Comunicação; Educação; Mídias; Tecnologias.

Introdução

Vivemos em um mundo contemporâneo, que tem início no século XIX, e que é marcado pela urbanização, o que trouxe melhores condições de vida, melhoria da saúde e o desenvolvimento das ações históricas que repercutiram na comunicação (SOUSA, 2012).

O desejo de estar sempre se comunicando cria novas formas, modelos, para que a mensagem chegue a um grande número de pessoas. Acompanha-se as invenções da humanidade. Não tão recentes assim, o telégrafo, a televisão, o rádio e o jornal impresso, são mídias que atuam há certo tempo, e que ainda sofrem controvérsias quanto ao seu conteúdo, que normalmente é descrito como alienante e que não serve de

¹ Trabalho apresentado na IJ6 Divisão de Interfaces Comunicacionais – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bolsista Probic/Fapergs do Projeto de Pesquisa Mídia, Tecnologias e Educação: modos de aprender e ensinar e Acadêmica do Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, da Unijuí; E - mail: patricialaurakuhn@hotmail.com

³ Bolsista Probic/Fapergs do Projeto de Pesquisa Mídia, Tecnologias e Educação: modos de aprender e ensinar, e Acadêmica do Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, da Unijuí; E - mail: bruna.danelli@unijui.edu.br

⁴ Bolsista Voluntário do Projeto de Pesquisa Mídia, Tecnologias e Educação: modos de aprender e ensinar e Acadêmico do Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, da Unijuí. E-mail: contatos_andre@hotmail.com

⁵ Professora do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Direitos Humanos da Unijuí. Dra em Comunicação e Informação. Coordenadora do Projeto Mídia, Tecnologias e Educação; E-mail: verar@unijui.edu.br



forma alguma para a vida do cidadão crítico e democrático que deveria interagir na nossa sociedade.

As novas invenções que ocorreram, e que cada vez mais estão presentes, são a internet e as redes sociais que integram grande parte da população, principalmente jovens. Isso, de certo modo, desperta preocupação quanto à educação desse grupo, pois caso contrário, estarão sendo educados de forma que não os habilita para o mundo lá fora. É como Lipovetsky (2004, p.88) escreve: “nada é mais urgente que refletir, refletir sempre refletir sobre o que deve mudar nos sistemas educativos para que preparem melhor os jovens a enfrentar o presente e do futuro”.

Os meios de comunicação, principalmente a televisão, são acusados de alienar a população, porque se acredita que fazem as pessoas aceitarem tudo o que mostram e, dessa forma não haja um retorno do que verdadeiramente o receptor pensa sobre tal assunto. Até mesmo as escolas difundem a idéia de que o aluno e também telespectador deva selecionar programas, filmes, tudo o que é visto, para não ser manipulado. Entretanto, esta ideia está ultrapassada.

Lipovetsky (2004) combate, por exemplo, a satanização da mídia televisiva, “pois é sobretudo um instrumento da vida política democrática de massa, e não uma barbárie” (87). Ela não tem todo o poder de fazer com que as pessoas se mobilizem, todas da mesma forma. As suas ideias parecem com as de Barbero, que trata da existência de mediações no processo de recepção das mensagens, ou seja, dependendo se o indivíduo está sozinho ou com um grupo de amigos, diferente serão seus pensamentos sobre um devido assunto.

O indivíduo não é mais analisado pela teoria hipodérmica, onde acaba se tornando um receptor passivo, e sim ativo, quando diz respeito a questões que o interessem, e isso faz com que, busque suas realizações principalmente, as de campo pessoal. Segundo Lipovetsky (2004, p.27) , “vivemos numa sociedade pós-moralista, não sociedade pós-moral; sociedade que exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem estar individual, do que o ideal de abnegação”.

E a ideia de individualismo na visão deste escritor é que “o desafio das sociedades modernas não é de reabilitar a moral, mas de favorecer, em seu interior, um individualismo responsável, tentando diminuir a irresponsabilidade individual” (2004, p.13). Hoje está mudando esta face, os jovens se inseriram cada vez mais num mundo cheio de tecnologias, diferente de um grande número de pessoas que ainda vive um mundo analógico, que apresenta as mídias como vilãs. Entretanto, a educação deve



mostrar aos mais jovens como utilizar as TICs da melhor forma, tanto para vida pessoal como para a profissional.

Comunicação e educação são termos que estão cada vez mais próximos, não só pela questão conceitual como proposta de desenvolvimento social, mas como prática em ambientes dos dois campos de atividade, ou seja, enquanto a comunicação tem um caráter interativo e desempenha um papel importante na educação, ainda que de modo informal, a educação se mostra como um lugar importante para promover discussões acerca dos conteúdos midiáticos e a utilização das TICs no processo de aprender e ensinar.

A evolução da tecnologia fez com que um grande número de pessoas tivesse acesso, seja em casa, na escola ou no trabalho, ao contato com ferramentas dessa natureza, o que é uma tendência quase universal. Indivíduos que desconhecem formas de manuseio ou as modalidades das TICs são raros e, de certa forma, excluídos da sociedade, considerados os novos analfabetos, os analfabetos digitais. Os jovens são o grupo que mais tem conhecimento do manuseio dessas tecnologias e conseqüentemente os que mais se comunicam por meio de suportes digitais. Eles nasceram na era digital, em um período em que as novas tecnologias substituem sistemas analógicos por digitais e aceleram e modificam as formas de produção e aquisição do conhecimento. Não concebem a ideia de como se vivia sem um computador ou um celular.

Faz-se necessário compreender como está ocorrendo esse processo e como se caracteriza essa geração que hoje está plenamente integrada às TICs. É de senso comum que os jovens atualmente querem tudo da forma mais fácil e rápida possível. O acesso às tecnologias fez com que isso fosse possível e é essa a realidade que eles vivem e que eles gostam. No entanto de que forma a escola está contribuindo para esse processo?

A escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da informática (como o audiovisual) supõe, portanto, o abandono de um hábito antropológico mais que milenar, o que não pode ser feito em alguns anos. (LEVY, 1993, p. 9)

O Projeto de Pesquisa Mídias, Tecnologias e Educação: modos de aprender e ensinar, do Curso de Comunicação Social, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, visa entender e analisar o processo de ensino-aprendizagem atual, tendo em vista a relação educação e tecnologia. O Projeto busca



observar como os professores e alunos se relacionam com as tecnologias e a mídia, avaliando as possibilidades que esses recursos geram dentro de sala de aula. O objetivo é traçar um perfil da sala de aula atual ao analisar como os professores e alunos nas escolas se propõem a utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo de ensino-aprendizagem, para posteriormente propor uma mudança metodológica para melhor uso desses recursos.

Iniciado em 2010, o Projeto se divide em três partes, sendo que duas delas já foram realizadas. A primeira, diz respeito à pesquisa bibliográfica e montagem do acervo de bibliografia sobre o tema de pesquisa. A segunda caracterizou-se pelo trabalho de pesquisa-ação dentro das escolas, com alunos e professores para o desenvolvimento de atividades, como oficinas com uso de material impresso, de imagem e áudio, grupos focais, entrevistas, tendo em vista a efetivação de propostas que visualizem o uso da mídia (rádio, televisão, impresso e internet) e das tecnologias de comunicação e informação (aparelhos celulares, máquinas digitais, computadores, câmeras fotográficas, câmeras de vídeo, MP4 e derivados, softwares de áudio, vídeo, web designe, gráficos) dentro e fora de sala de aula. O projeto se encontra em sua última fase, ou seja, a análise e interpretação dos dados coletados e socialização dos resultados obtidos.

O projeto compreende um grupo de cerca de 200 crianças, adolescentes e jovens, do Ensino Fundamental e Médio, na faixa etária dos sete aos 20 anos de idade. É aplicado em três escolas da região noroeste do Rio Grande do Sul que se interessam em discutir a questão da mídia e das tecnologias de informação e comunicação no processo de educação. São elas: a EFA – Centro de Educação Básica Francisco de Assis, de Ijuí; Instituto de Educação Guilherme Clemente Koheler, de Ijuí – o Polivalente, e Colégio Estadual José Lang, de Augusto Pestana.

No Instituto de Educação Guilherme Clemente Koheler, além das atividades de observação e acompanhamento das aulas foram realizadas duas oficinas para todos os professores da escola, discorrendo sobre dois temas: “Comunicação e expressão oral em sala de aula” e “Comunicação e tecnologia no processo ensino-aprendizagem”. Para fazer um paralelo sobre o que os professores pensam e trabalham sobre as TICs e como os alunos enxergam o processo de aprendizagem, este artigo reflete a questão das tecnologias e da educação, a partir dos questionários respondidos pelos educadores durante as oficinas e pelos estudantes durante a aplicação do projeto em sala de aula e ainda as observações realizadas em sala de aula nesse período.



Portanto, este estudo busca apresentar uma caracterização do jovem na sociedade atual, analisando a relação entre educação e tecnologia e de que forma os jovens e os professores enxergam a sala de aula.

1. O jovem na sociedade contemporânea

Desde o final do século XX, houve um ‘boom’ de novas tecnologias. O computador, o celular, a internet, entre outros recursos, invadiram as casas e o cotidiano das pessoas. O analógico aos poucos deu espaço ao digital, que hoje abrange a maioria das ferramentas tecnológicas do dia-a-dia. Isso revolucionou a sociedade, fazendo com que tudo hoje aconteça de modo muito rápido, como por exemplo, uma mensagem por carta vinda do outro lado do mundo que antigamente levaria meses para chegar, hoje por meio do e-mail chega em segundos ao destinatário.

A sensação é de que o indivíduo encontra-se sempre atrasado em relação à sociedade em que vive, pois são tantas novidades, tanta produção de conteúdo que mesmo se ele ficasse 24 horas por dia acordado tentando se atualizar, ele sempre estaria defasado em relação à quantidade de informações produzidas. A internet trouxe o compartilhamento, no qual as pessoas podem consumir e ao mesmo tempo gerar conteúdo para ser dividido. Tudo está a um clique de distância e a mídia perdeu o seu papel de monopolizadora da informação. Atualmente o processo comunicativo se modificou e tanto o emissor quanto o receptor podem produzir informação.

Ao mesmo tempo em que a mídia se transformou e a tecnologia é cada vez mais avançada, os indivíduos que vivem nessa sociedade também são estimulados e às vezes se sentem obrigados a se adequarem e acompanharem as mudanças ou então podem vir a sentir-se excluídos naturalmente dos processos. Pessoas de todas as idades mudaram muitas das formas de seu cotidiano por causa das Tecnologias de Comunicação e Informação.

De fato, nossa relação com o saber mudou com o advento da TICs. Ou seja, é forçoso constatar que a velocidade de surgimento, bem como o ritmo da renovação dos saberes em todas as áreas do conhecimento, é geral. (SETTON, 2010, p. 98)

Se muita coisa mudou, muitos dos que participaram desse processo ainda têm valores de uma era mais tradicional e guarda lembranças de um período em que a vida era menos agitada. Em contraponto há quem nem acredite que existia vida sem a



internet e o celular. As crianças e os jovens de hoje não viveram o processo de democratização da informação e da tecnologia. Quando nasceram, esse mundo digital estava pronto para recebê-los com toda a intensidade possível.

Com tanta informação e tecnologia os jovens querem consumir o máximo possível, por isso eles ficam conectados o dia inteiro à internet, seja pelo computador ou pelo celular. Fazem diversas coisas ao mesmo tempo e gostam de agilidade. Eles têm a independência como uma de suas características marcantes, enquanto nas gerações anteriores o computador, a TV e o rádio não podiam ser transportados com facilidade, a nova geração tem em suas mãos tudo isso de forma portátil. Uma das questões mais discutidas em relação a esse comportamento é que ele tira essa geração da convivência familiar, já que os adolescentes não necessitam sentar junto à família para assistir à televisão ou navegar na internet. Eles não estão presos a lugar nenhum. São, portanto, desterritorializados. Essas são as principais características desse grupo, no entanto:

[...] encarar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de 'ser jovem'. Dessa forma, não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens (...) constroem as suas experiências (DAYRELL, 2003, p.41).

Assim como Dayrell aponta, essas são as características desses jovens, não que isso seja uma coisa ruim, ou que para serem jovens eles deveriam brincar na rua como antigamente e não ficar na frente de um computador. Mas é a partir dessa caracterização do jovem atual que percebemos como e porque ele se modificou.

2. Educação, Mídia e Tecnologia: relações e interfaces

Quadro negro e giz branco, o método mais tradicional de ensino, hoje é questionado. Em uma sociedade tecnológica e midiática o processo de ensino-aprendizagem entra em discussão e o debate gira em torno do aluno que tem um perfil muito diferente do encontrado no século passado.

Se as TICs possibilitam que quem recebe conteúdo também produza, na sala de aula não deve ser diferente. O processo deixa de ser vertical, ou seja, alguém que ensina para alguém que deve aprender, para transformar-se num processo de produção de conhecimento em que cabe ao professor orientar o aluno em formação, para que ele reflita sobre as questões que estão sendo estudadas, considerando sempre que esta deve ser uma relação dialógica, conforme ensina Paulo Freire:



O diálogo exige igualmente uma fé intensa no homem, fé em seu poder de fazer, refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais humano [...]. O homem de diálogo é crítico e sabe que embora tenha o poder de criar e de transformar tudo, numa situação completa de alienação, pode-se impedir os homens de fazer uso deste poder (FREIRE, 1980, p.83 e 84).

Esse pressuposto indica que deve haver uma troca entre o professor e estudante, dentro de um processo de escuta e de diálogo sobre o tema em questão, valorizando o conjunto de informações que o aluno, mesmo em espaço de aprendizagem, traz em sua bagagem. Nessa relação mais horizontal os dois estariam predispostos a aprender e trocar aprendizados, dentro dos níveis de maturidade que a nova relação permitir, como aponta Setton, citando Levy:

Para Levy, é hora de considerar que os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes atualizam continuamente tanto seus saberes disciplinares, como suas competências pedagógicas. (SETTON, 2010, p. 103)

É preciso repensar o modo de aprender e ensinar e de fato aplicar a Educomunicação. A teoria problematiza os campos da comunicação e da educação de forma a criar ecossistemas comunicativos abertos e eticamente comprometidos, nos quais além do aluno aprender com o professor, o professor também aprimora o seu conhecimento com o aluno. Ambos aprendem com a comunidade e vice-versa. Dessa maneira é possível formar a competência comunicativa do cidadão e ampliar o seu conhecimento. Mas isso não se trata apenas de uma reflexão sobre o uso das tecnologias, é um campo de mediação.

Partindo do princípio da educomunicação e também trazendo a tecnologia para a sala de aula é possível observar que há uma necessidade que isso seja aprimorado. Trazer a tecnologia e a mídia para sala de aula para muitos professores se refere apenas a trazer um filme ou uma apresentação de slides sobre o tema proposto. No entanto não é a tecnologia ou mídia em si que ensina, são os debates sobre esse tema que fazem com que o aluno tenha um aprendizado real:

A competência do professor deve se deslocar no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão em seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens; do incitamento à troca de saberes, à mediação relacional e o simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem. A proposta é um aprendizado contínuo. (SETTON, 2010, 103)



As TICs em sala de aula servem como um recurso para repensar o mundo e produzir conhecimento, possibilitando que o aluno possa visualizar aquilo que está aprendendo e posteriormente debater sobre ele. Não apenas receber uma informação e absorvê-la, mas questioná-la.

3. As TICs na sala de aula

A teoria da Educomunicação como elemento ativo no processo de ensino, a presença das TICs em sala de aula e a composição do perfil do jovem atualmente seriam pressupostos suficientes para crer que estas seriam as soluções para uma sala de aula em condições ideais de atender às demandas do que se espera, em termos de alunos, professores e aprendizagem. Sendo assim, os problemas estariam resolvidos. Entretanto, a experiência de pesquisa do Projeto Mídia, Tecnologias e Educação mostra que essa realidade é bem mais complexa do que se estima.

É no dia-a-dia que os problemas aparecem e isso está ligado à infraestrutura da escola, à possibilidade dos alunos de acesso às tecnologias fora da sala de aula, ao pouco domínio dos professores e estudantes sobre as TICs e desconhecimento de alguns professores sobre a Educomunicação, que ainda precisa ganhar mais visibilidade nas escolas.

Para refletir sobre esses pontos, este estudo faz uma análise sobre a aplicação do Projeto Mídia, Tecnologias e Educação em uma das escolas que ele abrange. Foram analisados os questionários respondidos por professores e alunos do Instituto de Educação Guilherme Clemente Koheler – o Polivalente. A turma escolhida foi o 2º ano do Ensino Médio do Magistério por ser um espelho dos futuros professores que a escola irá formar.

3.1 Resultados dos questionários dos professores

Entre as atividades do projeto foram desenvolvidas oficinas com professores da escola acerca das mídias e tecnologias na educação. Eles foram divididos em dois grupos, um sobre a utilização da tecnologia em sala de aula e outro sobre métodos de pesquisa *online*, como busca de imagens e vídeos. Os dois grupos participaram das duas oficinas e posteriormente responderam a um questionário sobre os temas abordados.



A primeira pergunta se referia à opinião sobre a oficina. Segundo a análise os professores, em sua maioria, foram receptivos e gostaram do tema. Para eles, conhecer caminhos para pesquisar na internet e enxergar o assunto sob novas faces com ajuda da mídia e da tecnologia foram os pontos mais importantes da oficina.

Sobre a aplicação das TICs em sala de aula os professores apontaram como as maiores dificuldades o pouco tempo disponível para debater o tema e não ter domínio da tecnologia. No entanto o problema mais citado foi em relação ao material disponível nas escolas. De acordo com os professores, o sistema operacional (Linux) não é o que eles e os alunos estão acostumados a usar fora da sala de aula. Os problemas técnicos em computadores, aparelhos multimídia, etc, foram apontados como um obstáculo para o andamento da aula. O que deveria contribuir para um estudo mais atraente dificulta o processo, justamente porque não há uma política que prepare para uso dessas TICs.

A real aplicabilidade das Tecnologias de Informação e Comunicação é vista como positiva para a maioria. Segundo eles, utilizar as tecnologias em sala de aula oportuniza e facilita a aprendizagem. Sobre as mídias com as quais os educadores mais se identificam e que mais os auxiliam no processo ensino-aprendizagem, os vídeos estão em primeiro lugar, seguidos dos jornais impressos e da internet.

Pelas afirmações, percebe-se que os professores gostariam que o tema tecnologia e mídia na sua relação com a educação fosse mais explorado em outros momentos. Eles revelam que poderiam ser oferecidos caminhos metodológicos e oportunidades para que se trabalhasse mais tecnicamente com estes elementos. É perceptível que eles têm dificuldade de relacionar a mídia com a sala de aula, de certa forma não conseguem ter ideias diferentes de como usar as TICs no processo ensino-aprendizagem. Eles têm uma expectativa de que lhes seja oferecida uma fórmula pronta e esperavam que o projeto trouxesse isso a eles como aponta o professor: “Iremos utilizar essas tecnologias dentro do projeto que estamos desenvolvendo em parceria com a Unijuí” (PROFESSOR A⁶, 2011).

A maioria dos professores utiliza as tecnologias em sala de aula, pelo menos baseado nesse questionário, no entanto eles têm dificuldade de sair da forma tradicional, ou seja, em vez de apenas citar uma passagem da novela, poderiam exibir cenas que exemplificassem a temática que está sendo trabalhada. Um dos professores afirma que “As novas tecnologias se constituem como mais uma ferramenta na matemática, porém,

⁶ Esta denominação indica que se optou por preservar a identidade dos pesquisados.

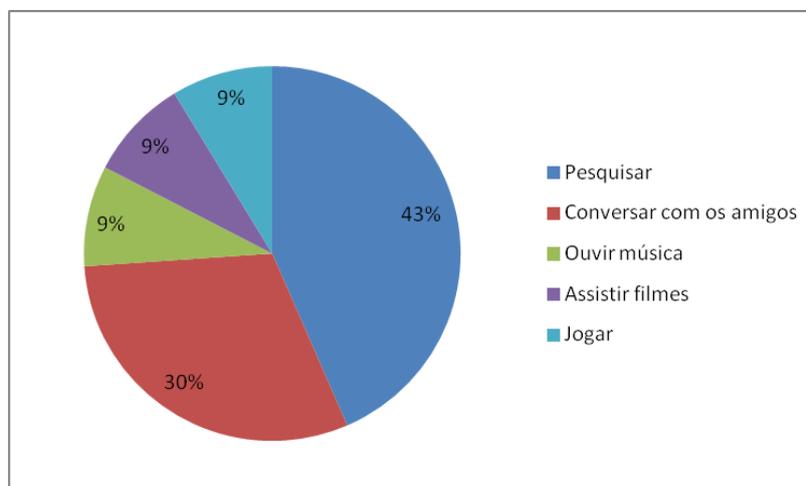
como esta disciplina tem muita sistematização, o quadro negro ainda é muito importante no andamento das aulas” (PROFESSOR B, 2011).

A observação *in loco* deixou claro que a dificuldade de utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação talvez não seja propriamente por falta de interesse e comodismo, mas principalmente porque “Falta tempo para o professor se dedicar a essas ferramentas” (PROFESSOR C, 2011). Isto é uma realidade que tem relação com a infraestrutura do sistema de ensino, suas políticas de formação continuada e a questão tempo e condições para manter-se atualizado.

3.2 Resultados dos questionários dos alunos

O projeto acompanhou as aulas de Psicologia da Educação, do segundo ano do Magistério da Escola Polivalente. Durante as aulas os 20 alunos foram apresentados às mídias (áudio, imagem, vídeo, texto) pelos integrantes do Projeto. Com base nessas explicações sobre o uso das TICs, eles realizaram uma apresentação de trabalhos sobre os principais teóricos da área da educação utilizando esses recursos. Após a aplicação do projeto em sala de aula foi aplicado um questionário para o grupo de alunos para analisar a sua relação com as Tecnologias de Informação e Comunicação.

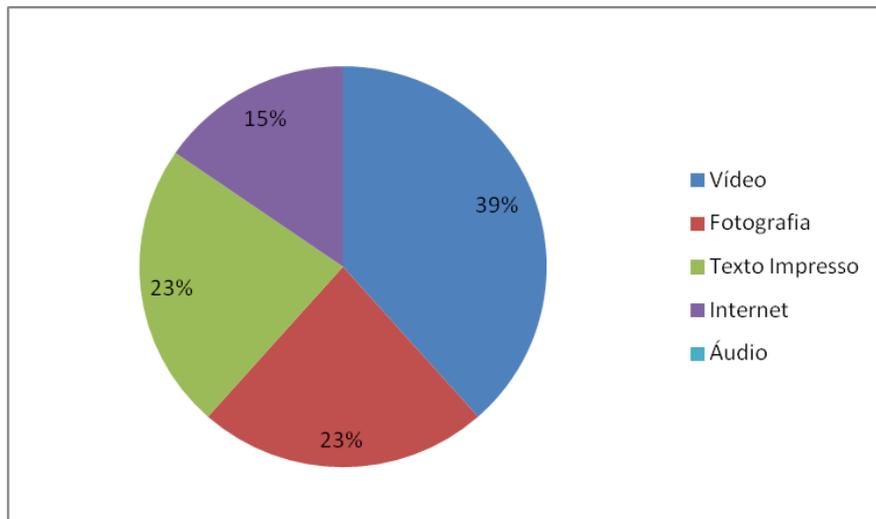
De acordo com o questionário, 77% dos estudantes responderam que acessam a internet em casa, 15% na casa de amigos e apenas 8% na escola. As opções de acesso em *Lan House* e ‘quase não acesso’, nenhum aluno assinalou. A turma também respondeu para que fins utiliza a internet. Quase a metade dos alunos, cerca de 43%, respondeu que, na grande parte do tempo, acessam a internet para realizar pesquisas, 30% faz uso para conversar com amigos e 9% dos alunos afirmaram que usam mais a internet para se entreter, jogar, assistir filme e ouvir música.



Fonte: Elaboração própria

Para acessar esse tipo de conteúdo, 36% dos alunos apontaram que costumam navegar aproximadamente três horas na internet de forma contínua por dia. Mais de três horas por dia corresponderam a 27% do total e 18% costumam ficar na internet uma ou duas horas por dia.

Entre as mídias que os alunos acham mais atraentes para aprender, 38% dos alunos responderam que preferem o vídeo. Segundo eles esta mídia aumenta a compreensão por utilizar a visão e a audição e sai da forma tradicional de aprender. No entanto para um dos estudantes o vídeo foi a escolha, porque “Tenho muita dificuldade em construir um vídeo” (ALUNO A⁷, 2011). Empatados em segundo lugar, o texto impresso e a fotografia foram a escolha de 23% dos alunos. O texto por proporcionar uma melhor concentração e a fotografia porque “Eu acho interessante aprender” (ALUNO B, 2011) e “Para deixar as fotos mais personalizadas” (ALUNO C, 2011). A internet ficou em terceiro lugar com 15% e o áudio não foi a escolha de nenhum dos alunos. Entre as justificativas para a escolha das mídias, “Sei lá” (ALUNO D, 2011) e apenas “Porque eu acho interessante” (ALUNO E, 2011), chamaram a atenção.

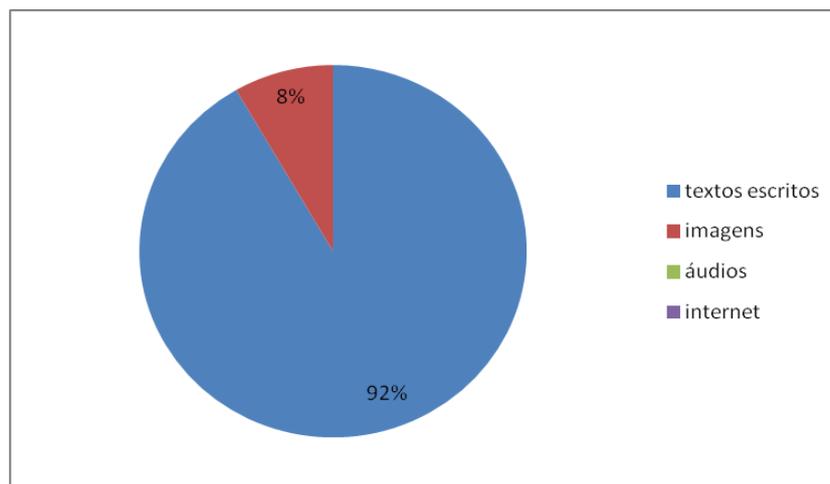


Fonte: Elaboração própria

Foram analisados também os meios que os alunos mais utilizam como forma de aprendizado fora da sala de aula. A internet foi a resposta de 50% dos alunos, 38% faz uso de textos escritos e 6% utilizam áudios ou imagens para aprender. Quando foi questionado sobre o meio mais usado de aprendizado dentro da sala de aula, 92%

⁷ Esta denominação indica que se optou por preservar a identidade dos pesquisados.

afirmaram usar textos escritos, apenas 8% utiliza imagens e ninguém assinalou que faz uso da internet ou de áudios para aprimorar seu conhecimento dentro da escola.



Fonte: Elaboração própria

Perguntada sobre qual tecnologia gostaria de aprender a dominar, os resultados foram os seguintes: 45% da turma gostariam de dominar tecnicamente o vídeo, 36% o texto escrito e 9% deles a fotografia e o áudio. O meio mais difícil de operar, segundo os alunos da turma pesquisada é o áudio, correspondendo a 36% dos alunos. Do total, 27% já acreditam que é mais difícil de lidar tecnicamente com os programas de internet, 18% com os textos escritos e 9% com a fotografia e o vídeo.

A respeito da influência das tecnologias e das mídias na educação, os alunos foram unânimes e responderam positivamente. A maioria citou as TICs como uma forma de auxílio à pesquisa e à apresentação de trabalhos, alguns fizeram apontamentos realistas como “Sim, porque muitos trabalhos são copiados de sites” (ALUNO F, 2011) e também “Sim, porque a tecnologia está cada vez mais perto e cedo na vida das próprias crianças” (ALUNO G, 2011).

Isso indica que o uso das tecnologias para a pesquisa deveria ir além de copiar conteúdos de sites, estimulando a exploração das linguagens multimídia e apresentando os conteúdos de forma dinâmica e rica. Afinal, a internet é um espaço em que circulam muitas abordagens, visões e debates sobre inúmeros temas, o que seria um requisito muito importante para os estudantes trabalharem com este material. O que se nota é que embora eles reconheçam o espaço da *web* como fundamental, ainda é preciso que sejam educados para tirar melhor proveito dela em razão do processo de aprender.



Considerações Finais

A escola, por um bom tempo, olhou de longe e até questionou o uso das TICs como parte do processo de educar, porque estava impregnada de uma visão humanista e distante de um novo entendimento sobre tecnologia. Acreditava-se que se houvesse adesão às tecnologias, se pecaria pela redução ao tecnicismo.

Não se trata disso. O fato de incluir as TICs não diminui o caráter humanista da educação, mas ao contrário, humaniza a concepção sobre as tecnologias, livrando-as de um julgamento tecnicista. Isso quer dizer, que agora, a escola não tem mais como ignorar os movimentos humanos e as práticas socioculturais que compreendem a sociedade das TICs e que elas podem ser sim, aliadas no processo de produção do conhecimento. Em lugar de ignorar a sua existência, a escola precisa propiciar a reflexão sobre o uso das tecnologias e das mídias, porque as crianças e jovens estão demonstrando não saber pensar sobre as formas que delas fazem uso.

Compreende-se que as TICs não são a solução para os problemas da educação, mas um elemento dinamizador dos processos de conhecer e descobrir, em que é preciso considerar a importância de utilizá-las como redes de conhecimento. E é esta prática que está faltando, porque há uma defasagem entre a habilidade do professor para o contato com essas TICs em relação ao aluno.

De um lado, o professor não tem familiaridade com essas ferramentas, mas compreende o impacto que teria o uso racional delas para a educação. De outro, o aluno apresenta uma afinidade muito grande com as tecnologias, mas não as usa para a produção do conhecimento de forma satisfatória, porque vê nas TICs apenas uma possibilidade agradável de entretenimento. Se ele for desafiado a usá-las para fins de conteúdo, vai limitar-se a copiar, em lugar de dialogar com as informações de modo a transformá-las em fonte de conhecimento.

Referências

DAYRELL, Juarez. (2003). **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Nº. 24, Set /Out /Nov /Dez, p.40-52.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: E. 34, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfose da cultura: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004.



SOUSA, Rainier. **Idade contemporânea.** Disponível em <http://www.historiadamundo.com.br/idade-contemporanea/>. Acesso em 12 de abril de 2012.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação.** São Paulo: Contexto, 2010.